

Índios fazem denúncias da Funai

90
"A Funai não atende aos anseios do índio. Inúmeras mortes são registradas, as terras são exploradas e cortadas e nada tem sido feito. Nós queremos que as áreas sejam demarcadas e que sejam levadas até as aldeias a saúde e a educação. Queremos que os costumes sejam conservados e que as tradições, bem como a origem sejam respeitadas. Por enquanto temos somente promessa das autoridades". A declaração é do cacique kaingangue de Manguelrinha, Francisco dos Santos, um dos 200 caciques e líderes indígenas que participaram do Encontro para criação e formação da União das Nações Indígenas, realizado na semana passada, em Brasília.

A principal reivindicação feita pelos índios é a demarcação das terras. Este órgão a ser criado deverá funcionar junto com a Funai no Distrito Federal. Toda e qualquer decisão, segundo o cacique Francisco dos Santos deverá ser tomada em conjunto. Pensando nisso, será colocado, além da diretoria, um índio líder, representante de cada Estado. Enquanto isso, ele comentou que, o atual presidente da Fundação, coronel Paulo Moreira, tem demonstrado grande interesse para a preservação dos indígenas brasileiros. Entretanto, "se continuasse o ex-presidente João da Veiga, os índios teriam sido exterminados", comentou.

DESABAFO

Atualmente, no Brasil existem uma média de 200 mil índios. Ele acredita que com a união, todos os problemas relacionados com terras e o menosprezo serão solucionados. Num desabafo, o cacique disse ainda que "a Funai atua como tutor dos índios. Mas, é como o pai que explora o filho, fazendo com que este filho trabalhe. Todo o dinheiro arrecadado, o pai leva para a cidade, onde é gasto, sem que o filho tenha participação". O estatuto do índio prevê também que a floresta e os minérios existentes na aldeia pertencem ao indígena. Segundo ele, a Fundação não per-



Cacique Kaingangue Francisco dos Santos e a índia Enayê.

mite a exploração alegando que todos são seres incapacitados e inferiores. Ao mesmo tempo, impedem que os índios viajem sozinhos, não permitindo que eles adquiram novas experiências de vida. Atualmente, "não existe mais a caça, frutas, e quando sentirmos vontade de comer carne temos que criar o gado e suíno. As frutas são colhidas das árvores que plantamos. Os brancos exploraram tudo o que podiam das terras, acabando com a nossa tradição de caçadores", disse o cacique Francisco dos Santos.

ENSINAMENTOS

Em função destes impedimentos e bloqueios apresentados o cacique comentou que não se tem onde aplicar os ensinamentos recebidos pelos seus antepassados. A Funai derrubou as florestas. Enquanto em outros pontos do Estado, muitas áreas se encontram em litígio, mas com a criação da União das Nações Indígenas todos os problemas deverão ser solucionados, sem que sejam

tes em Mato Grosso. "Um índio sempre defenderá outro índio", definiu.

ÍNDIA

Enayê Maria da Silva é uma índia da tribo dos Guaranis. Ela está em Curitiba há 9 anos e conta seu drama enfrentado nos primeiros tempos em que viveu na Capital paranaense. Aos 7 anos de idade, veio pela primeira vez a Curitiba, acompanhada de missionários. Passado um tempo, infeliz pelas acusações feitas pelo povo por ser uma indígena, resolveu retornar à aldeia. Seu pai que era pajé faleceu de desgosto em função da luta em que travou para defender a terra onde morava. Chegou a fazer greve de fome e, resistia para que seus filhos não o levassem ao médico. Quando consentiu já era tarde demais.

Posteriormente, aos 10 anos de idade, ela retornou a Curitiba. Na escola, Enayê enfrentou outras dificuldades, porque os índios eram tidos como bichos e não como seres humanos. Entretanto, não desistiu e ingressou no curso para cabeleleira, em Paranavaí, tendo concluído em São Paulo. Agora, com 30 anos de idade, ele está trabalhando como esteticista e as atividades são desenvolvidas somente com produtos naturais. Mas, até conseguir um local sempre foi tida como empregada doméstica.

MODELO

Com uma filha, ela conta que casou-se com um "estrangeiro" aos 13 anos de idade e, aos 17 estava viúva. Como necessitava sobreviver, e não encontrava uma colocação como esteticista, Enayê conta que trabalhou durante muito tempo como modelo. Sempre desfilava com uma peruca negra e, para dar maior coloração no corpo usava tintura preparada a base de ervas. Agora, ela diz que está se sentindo melhor, não dando atenções aos comentários feitos por pessoas que passam nas ruas. Ela diz que conseguiu superar as dificuldades enfrentadas há anos, embora a população não aceite a presença dos indígenas nas principais vias da cidade.

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte:

Arquivo do Paraná

Class.:

Data:

16.06.82

Pg.: